



IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE
III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia
26 a 29 de outubro de 2009 - PUCPR

MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA EM AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM: A PERSPECTIVA DOS ALUNOS

MACHADO, Suelen Fernanda – SEED
sumachado@seed.pr.gov.br

TERUYA, Teresa Kazuko – UEM
tkteruya@gmail.com

Eixo Temático: Comunicação e Tecnologia
Agência Financiadora: Não contou com financiamento

Resumo

O artigo apresenta resultados da pesquisa de campo realizada para a dissertação de mestrado intitulada: Mediação Pedagógica em Ambientes Virtuais de Aprendizagem, defendida na Universidade Estadual de Maringá, no ano de 2009. O advento da internet propiciou a ampliação da educação a distância (EaD) utilizando os ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs). Porém, apesar dos avanços conquistados pela EaD com a utilização dos AVAs, faz-se necessário um avanço significativo nas práticas de mediação pedagógica do tutor para a efetivação dos processos de ensino e de aprendizagem nestes ambientes. O objetivo é investigar os processos de interação e mediação pedagógica no AVA com presença constante e efetiva do tutor. Diante dos altos índices de evasão dos cursos desenvolvidos nessa modalidade, por causa da ausência do tutor como mediador pedagógico, foi realizada uma investigação empírica com os alunos de um curso de formação de professores desenvolvido a distância no ambiente virtual Moodle. Utilizamos o conceito de mediação na perspectiva vigotskyana, que discute, sobretudo, as relações entre o cognitivo e o social. Os estudos de Bakhtin (2004), Moraes (2003), Belloni (2003), Palloff e Pratt (2004), entre outros, também contribuíram para a elaboração de um quadro teórico para sustentar a análise das linguagens e da mediação do tutor, no espaço virtual. Os dados indicam que as ferramentas e recursos de interação e comunicação disponíveis no ambiente apenas viabilizam a ação de mediação. Essa ação necessita de estratégias e de metodologias que se estabelecem a partir das relações interpessoais e da interação mútua do grupo, mediada pelo tutor.

Palavras-chave: Formação de professores. Ambientes Virtuais de Aprendizagem. Educação a Distância.

Introdução

O aparato tecnológico e telemático dos últimos anos mobilizaram amplos setores de nossa sociedade, por consequência e de forma significativa, o campo educacional. De maneira

geral, a tecnologia estabelece a base de nosso sistema social. Com recursos cada vez mais sofisticados, mexe com as estruturas culturais do mundo todo, intervindo também nas práticas de ensino e de aprendizagem.

Nesse processo de avanço tecnológico, a EaD (Educação a Distância) tem conquistado, cada vez mais espaço no campo educacional. Utilizando maiores recursos tecnológicos e ferramentas cada vez mais interativas, essa modalidade alcança, por meio de seus cursos, os mais longínquos lugares do mundo, pregando a democratização e a ampliação do acesso ao ensino. Porém, a EaD ainda é concebida como assunto polêmico no campo educacional. Moraes (2003, p.111) declara que:

Tratar [...] da educação à distância é uma questão bastante complexa, pois trata-se de analisar e avaliar a qualidade das relações sociais nos ambientes de aprendizagem mediados por alguma técnica.

A EaD é complexa, visto que não demanda apenas mensurar a quantidade de alunos que atinge ou mesmo a quantidade de interação que se tem, mas implica em uma reflexão, em seus parâmetros pedagógicos, sobre suas intencionalidades, já que poderão servir tanto ao ajustamento quanto a emancipação social.

Compreendemos que na EaD existe uma situação de distância, temporal ou espacial, entre aquele que ensina e o que aprende. Contudo, não é ponderado avaliar um curso de EaD pela distância espacial, nem mesmo pelas experiências temporais de interação. Com as novas tecnologias de informação e comunicação cabe uma reflexão sobre qual é a sensação de distância que o aprendiz sente no desenvolvimento de um curso nesta modalidade (TORI, 2008).

Essa sensação de distância na EaD ocorre, na maioria das vezes, por causa das velhas práticas pedagógicas que alguns cursos a distância ainda preconizam. Mesmo utilizando novíssimos artefatos tecnológicos de informação, comunicação e interação, ainda continuam disseminando um ensino a distância baseado na velha instrução tecnicista.

Ao se utilizar AVAs em cursos na modalidade a distância, espera-se que a simples disponibilização de materiais didáticos, textos e mídias audiovisuais, garantam que todos os alunos, muitas vezes de forma solitária, se apropriem do conhecimento sem que haja, contudo, uma mediação pedagógica efetiva. Os momentos síncronos nesses cursos acontecem com menor frequência e as ferramentas de interação nem sempre alcançam seus objetivos.

Dessa forma, precisamos compreender porque os momentos de mediação nos cursos a distância, frente aos grandes avanços tecnológicos, ainda não encontraram meios eficazes para propiciar uma interação efetiva.

A investigação aqui relatada, não buscou mensurar, mas sim refletir sobre a importância da mediação pedagógica em cursos a distância no AVA, evidenciando a necessária presença do tutor nestes espaços.

Sobre os Ambientes Virtuais de Aprendizagem

Quando se fala em ambiente de aprendizagem, suprimindo aqui a palavra virtual, quase sempre imaginamos o espaço da sala de aula. Docentes e discentes, carteiras e lousas compõem o espaço físico onde, supostamente, deve acontecer o processo de ensino e de aprendizagem. Para Costa e Oliveira (2004, p. 118), ambientes de aprendizagem são “espaços das relações com o saber [...] ambientes que favorecem a construção do conhecimento”.

Dessa forma, entendemos que um bom ambiente de aprendizagem compreende várias dimensões que vão desde a integração de diferentes materiais didáticos até a relação entre professores, alunos, metodologias e estratégias de ensino. Essas dimensões devem ter a finalidade única de desenvolver a construção do conhecimento no aluno.

No ensino presencial, o aluno encontra-se inserido em sala de aula e em contato direto com os mais diversos recursos didáticos. Sejam materiais impressos ou tecnológicos, esses instrumentos possibilitam a melhoria do ensino desde que utilizados de maneira significativa pelo docente. Além disso, a interação face a face com colegas da turma e professores ocorre de maneira simultânea.

Já na EaD, em que o ensino e a aprendizagem, em grande parte, ocorrem em AVAs, os recursos didáticos encontram-se dispostos em contextos diferentes, permeados pela dinâmica do virtual, caracterizados principalmente pela separação (espaço e tempo) entre aquele que ensina e aquele que aprende.

Pereira, Schimitt e Dias (2007) observam que o termo AVA pode ganhar várias nomenclaturas. Seja na literatura nacional ou na internacional, encontramos diferentes termos para descrever essa nova modalidade de educação, entre as quais estão: aprendizagem baseada na Internet, educação ou aprendizagem *online*, ensino ou educação a distância via Internet, *e-learning*, *Web-based learning*, *online learning*, *Learning management Systems*, *Virtual Learning Environments*, *e-learning*.

As autoras afirmam ainda que, apesar desses ambientes serem veiculadores de conteúdos e permitirem a interação entre os sujeitos, a aprendizagem depende da qualidade do envolvimento das pessoas inseridas em tais espaços. De acordo com as autoras os AVAs:

[...] consistem em mídias que utilizam o ciberespaço para veicular conteúdos e permitir interação entre os atores do processo educativo. **Porém a qualidade do processo educativo depende do envolvimento do aprendiz, da proposta pedagógica, dos materiais veiculados, da estrutura e qualidade de professores, tutores, monitores e equipe técnica**, assim como das ferramentas e recursos tecnológicos utilizados no ambiente. (PEREIRA; SCHIMITT; DIAS, 2007, p. 4. Grifo nosso).

Concordamos com este conceito por entendermos que quando o sujeito está inserido em um AVA, o aprender, o ensinar, os diálogos e as interações ganham novo contexto. Mas, à medida que o instrumento ganha maior importância (tornando-se fim e não meio) e que somente a técnica passa a ser utilizada, a aprendizagem fica seriamente comprometida.

Nesta perspectiva, a técnica e os recursos avançados de interação não substituirão a atuação das pessoas, habitantes destes espaços. Por isso, há necessidade de um aprimoramento nas estratégias e intervenções pedagógicas dos tutores nestes espaços.

Mediação Pedagógica

Para Kensky (2003), o professor na sala de aula presencial tem o poder da “fala”, enquanto que no espaço virtual essa “fala” é substituída pelo diálogo e colaboração entre os membros do grupo. Para a autora, é nas idéias de Vygotsky que encontramos respaldo teórico que demonstre que essa ação se concretiza.

Os estudos postulados por Vygotsky permitem compreender as concepções de ensino e de aprendizagem, bem como o desenvolvimento mental e social, sob a perspectiva da mediação. Isso significa que toda atividade ou ação do sujeito sobre o objeto é mediada socialmente, tanto simbolicamente, por meio de signos internos e externos, quanto pelo uso da linguagem, ou ainda pela ação de outro sujeito. Nessa perspectiva, a linguagem não diz respeito, essencialmente, à fala, mas também às diferentes formas de interação que o homem tem criado, historicamente, para interagir com o mundo. Dessa forma, o gesto, a mímica, a escrita, o desenho e um sinal representam esses meios que nos auxiliam na execução de problemas e ações diversas.

[...] todo produto natural, tecnológico ou de consumo pode tornar-se signo e adquirir, assim, um sentido que ultrapasse suas próprias particularidades. Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer esta realidade, ser-lhe fiel, ou apreende-la de um ponto de vista específico, etc. (BAKHTIN, 2004, p.32):

Vygotsky (2007) postula a aprendizagem e o desenvolvimento baseado não mais na ação direta do sujeito sobre o objeto (S – R), mas em uma ação mediada pelo outro, a qual ele intitula “elo intermediário”. Dessa forma o “[...] processo simples estímulo-resposta é substituído por um ato complexo [...]” (p.33).

A internalização das formas culturais de comportamento, enraizadas historicamente, representa o avanço qualitativo da psicologia humana. Todo esse processo tem como base as operações com signos, que para Vygotsky (2007) representa a grande distinção entre a psicologia animal e a psicologia humana. Os processos, os instrumentos e os signos que medeiam nossas ações cotidianas são alterados conforme o contexto em que nos encontramos. De acordo com Souza (2006, p.68), “[...] ao entrarmos em contato com o contexto escolar, a mediação assume características diferentes, passando a ter um caráter intencional e sistematizado, denominada mediação pedagógica”.

Esse conceito de mediação pedagógica atrela-se ao pensamento de uma ação concretizada pela ajuda do outro. No contexto escolar, teremos a figura do professor, sujeito essencial capaz de fazer um elo entre aquilo que o aprendiz traz (conhecimento do senso comum) e o conhecimento científico, historicamente sistematizado.

Nesse sentido, compreendemos a mediação pedagógica como a ação de intervenção no aprendizado do sujeito, seja presencial ou *online*. Essa ação de mediação é concretizada essencialmente pelo professor, por meio de signos e de instrumentos auxiliares, que conduzirão alunos e professores na prática educativa.

Na perspectiva vygotskyana, a mediação é um processo. Ela não corresponde ao ato em si, não é alguém que se contrapõe a uma ação, mas é ela mesma a própria relação. A mediação ocorre por meio dos diferentes signos, instrumentos e até pelas formas semióticas. Não necessita, obrigatoriamente, da presença física do outro, pois não é a corporeidade que estabelecerá uma relação social mediatizada. Seria, antes, um processo de significação que permite a interação e a comunicação entre as pessoas e a passagem da totalidade às partes e vice-versa (MOLON, 2008).

Mediação Pedagógica no Ambiente Virtual de Aprendizagem: a perspectiva dos alunos

No ano de 2007 foi realizada uma investigação empírica com 26 alunos participantes do curso GTR¹, que foi desenvolvido no ambiente virtual de aprendizagem Moodle². Naquele ano, tendo em vista a distância geográfica do pesquisador com relação ao grupo pesquisado, o questionário foi elaborado e disponibilizado de forma *online*, por meio do *software* livre denominado *PHPSurveyor*. O questionário e as perguntas semi-estruturadas, seu recebimento e tabulação, foram realizados entre os meses de março, abril e maio do ano de 2007. As questões foram divididas em quatro categorias, que correspondiam a:

- Interação no AVA
- Mediação do tutor
- Ferramentas do Ambiente
- Linguagem no AVA

Neste artigo sintetizamos os resultados obtidos a partir da investigação acerca da categoria “Mediação do tutor”. Cabe ressaltar que a análise foi pautada a partir das respostas dos alunos, bem como da observação realizada durante o desenvolvimento do referido curso. Os resultados foram explicitados por meio de gráficos e citações dos sujeitos.

Para verificar questões referentes à mediação pedagógica do tutor, focamos nossas perguntas nos momentos de interação ocorridos durante o curso. Tais questionamentos indicaram insatisfação dos alunos em relação às trocas entre os sujeitos do curso, como demonstra os gráficos 1 e 2.

¹ O GTR denomina-se Grupo de Trabalho em Rede e faz parte do Programa de Desenvolvimento Educacional - PDE ofertado pela Secretaria do Estado da Educação do Paraná desde 2007. Instaurado como uma política de governo, o PDE foi desenvolvido com a intenção de estabelecer um diálogo entre professores da rede estadual de ensino básico e professores universitários. Saiba mais em: www.pde.pr.gov.br

² Moodle corresponde à Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment. Trata-se de um *software* que possibilita a criação e desenvolvimento de cursos *online* na *web*. Saiba mais em: www.moodle.org

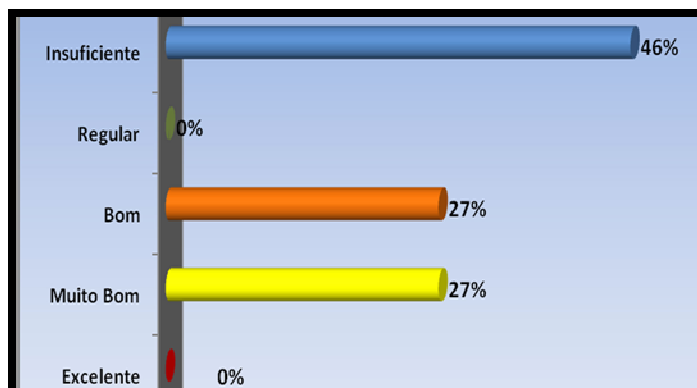


Gráfico 1 - Avaliação da interação aluno-aluno

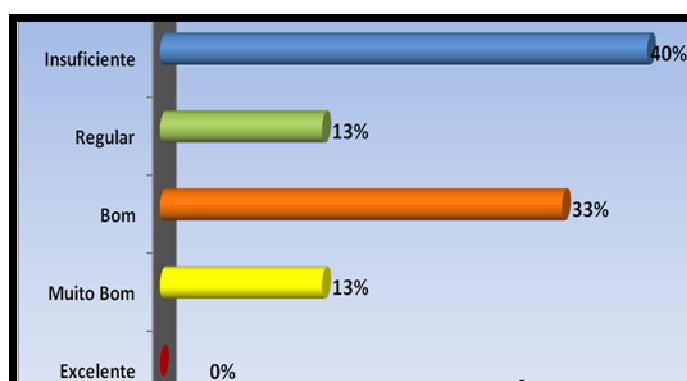


Gráfico 2 - Avaliação da interação tutor-aluno

Durante o desenvolvimento do curso, não foram propostas atividades que propiciassem uma maior interação entre os participantes. A única atividade que proporcionava, efetivamente, uma troca entre eles, era a ferramenta fórum. Entretanto, as discussões resumiam-se apenas em respostas isoladas aos tutores e pouquíssima discussão sobre as respostas dos mesmos.

De acordo com Palloff e Pratt (2004), a interação entre alunos depende também da significação prévia dessa atividade no começo do curso ou durante o desenvolvimento das atividades. As tarefas solicitadas no curso, muitas vezes, demandam apenas respostas isoladas do aluno, não ocorrendo propriamente interação. Ainda de acordo com as autoras, “Os alunos precisam entender sua responsabilidade na criação de uma comunidade de aprendizagem e a importância de sua interação.” (PALLOFF e PRATT, 2004, p.91).

O sujeito participante do curso desenvolvido em AVA pode esperar do tutor ações semelhantes àquelas concretizadas pelos professores na educação presencial, tais como: interação simultânea e resposta imediata do professor. A dificuldade em compreender a

dinâmica desses ambientes é conseqüência, também, da falta de interação do tutor, que precisa contextualizar o aluno em relação às novas formas de aprendizagem que se apresentam. É o tutor quem orienta o aluno nesses novos espaços virtuais, dando significado aos conteúdos.

Mostrar aos alunos *online* qual é sua responsabilidade e quais são as expectativas que se têm deles pode ajudá-los a entender o que é a aprendizagem *online* antes de continuarem no curso, eliminando assim surpresas. Isso, repita-se, só pode aumentar a probabilidade de que os alunos permaneçam no curso até o fim, alocando tempo suficiente e estando prontos para serem responsáveis pela própria aprendizagem. (PALLOFF e PRATT, 2004).

Para Belloni (2003, p. 82-83),

A redefinição do papel do professor é crucial para o sucesso dos processos educacionais presenciais ou a distância. Sua atuação tenderá a passar do monólogo sábio da sala de aula para o diálogo dinâmico dos laboratórios, sala de meios, e-mail, telefone e outros meios de interação mediatizada [...]

Diretrizes mínimas de participação ajudam a conquistar e manter os alunos *online*. Contudo, apenas entrar no site regularmente, mas não contribuir com algo substancial para a discussão, é pouco para sustentar o desenvolvimento da comunidade de aprendizagem. Nas trocas realizadas nos fóruns, observamos a dificuldade de manter os alunos envolvidos em uma discussão por muito tempo. Por isso que, para Palloff e Pratt (2004, p.141),

[...] cursos com altos níveis de interação tendem a obter maior índice de satisfação e menor índice de abandono. Assim, incentivar um alto nível de interação é papel fundamental do professor. Na verdade, talvez seja a sua tarefa mais importante no ambiente de aprendizagem on-line.

As ações realizadas nos AVAs são distintas das ações realizadas por professores da educação presencial. Além disso, o aluno e o professor também devem estar preparados para essa experiência. Esse preparo pressupõe, sobretudo, formação e estudo sobre a dinâmica da EaD. É necessário que o tutor esclareça como e quando o *feedback* (retorno das atividades aos alunos) será realizado durante o curso, ou seja, com que frequência o aluno poderá contar com suas orientações.

Vejamos a resposta de um dos alunos do curso sobre a relevância da mediação do tutor durante o curso:

Aluno (a) 1: “eu adorava quando a tutora se direcionava a mim, em particular, nas questões respondidas, nos meus pareceres. Esse procedimento remete ao aluno participante uma grande empatia na relação professor-aluno, além da segurança e propriedade no conteúdo ministrado pelo tutor”.

A resposta demonstra a importância do acompanhamento do tutor em todas as ações desenvolvidas durante o curso. Palloff e Pratt (2004, p.91-92), reafirmam esta questão ao dizerem que:

Embora o papel do professor on-line seja diferente, os alunos não podem sentir-se abandonados. Entender as diferenças que existem na interação das aulas on-line e das aulas presenciais e também assistir os alunos na correta avaliação de sua experiência de aprendizagem on-line pode ajudar a aliviar sentimentos de isolamento.

Identificamos um grande apelo, nas respostas dos alunos, para que os tutores atendessem às suas expectativas e, para isso, era imprescindível a presença deles durante todo o curso. Havia uma cobrança dos alunos acerca da postura que o tutor deveria manter frente às atividades realizadas durante o curso. Seja pela quantidade de alunos no curso *online*, ou mesmo pela aparente “informalidade” desses cursos, os alunos de cursos virtuais tendem a não se dedicar à realização das atividades solicitadas ou mesmo participar das discussões iniciadas nas ferramentas interativas. E, quando os tutores não conseguem acompanhar o desenvolvimento do aluno de forma efetiva, um desconforto acaba acontecendo no curso, principalmente para aqueles que cumprem suas atividades de maneira correta e pontual. Essa visão dos alunos fica explícita na seguinte resposta:

Aluno (a) 2: Uma mediação virtual de qualidade é quando o tutor demonstra conhecimento e segurança sobre o conteúdo, expõe de forma clara e objetiva os questionamentos, instigando o “aluno” a participar dos estudos e discussões, não se conformando com respostas “vazias”.

A afetividade também é manifestada como fator importante na mediação virtual para alunos no AVA. Eles consideram essencial criar laços afetivos nesses espaços, a fim de melhorar a qualidade da mediação. Os alunos afirmam que a mediação de qualidade depende de o tutor estar “presente”, percebendo as “ausências”, possibilitando assim, que o aluno se sinta parte do grupo. Vejamos duas considerações de mais dois alunos (as) do curso:

Aluno (a) 3: Na minha opinião, o bom tutor é aquele que realmente interage com a produção dos alunos, que comenta, que chama individualmente, que percebe as ausências, que estimula seus tutorandos a interagirem, exporem idéias [...]

Aluno (a) 4: Sem o professor tutor não existiria a atividade, pois é ele quem fornece o encaminhamento para a correta execução das atividades e propõe os desafios a serem suplantados como forma de elevação dos níveis de conhecimento e domínio dos conteúdos propostos.

As respostas demonstram o quão importante é a ação de interação do tutor. E como é significativa, para o aluno, a assistência individual na realização das atividades e, especialmente, nos momentos próprios de interação, como nos fóruns e *chats*. Por isso que, na educação desenvolvida em AVA, apesar da aprendizagem ser mais autônoma, o aluno necessitará de uma mediação direcionada a ele. As respostas indicam também a necessidade de o professor tutor responder às atividades, fazendo comentários às respostas dos alunos e, principalmente, tendo sensibilidade para perceber quando este está “distante” do curso, a fim de oferecer atenção especial para o mesmo. Palloff e Pratt (2004) lembram que uma das críticas que se faz à aprendizagem *online* refere-se à ausência de interação pessoal, algo que os alunos sempre buscarão.

Se os professores são treinados não apenas para ministrar cursos usando a tecnologia, mas têm conhecimento de métodos pedagógicos que facilitam sua vida on-line, e se, além disso, o desenvolvimento da comunidade, se tornar uma prioridade, o resultado poderá ser um curso altamente interativo [...] (Palloff e Pratt 2004, p.141).

As respostas dos alunos sobre a relevância da mediação pedagógica do tutor no AVA englobam os seguintes fatores: o tutor deve possuir conhecimento sobre o conteúdo estudado; ter clareza em suas explicações, segurança e empatia no tratamento dos assuntos discutidos; e, principalmente, interagir de modo que o aluno não se sinta excluído em suas dúvidas e

necessidades particulares. Ao mesmo tempo em que orienta, motiva e instiga o grupo para as trocas no AVA, deve se preocupar também com as atividades individuais, proporcionando um *feedback* específico para a sua atividade.

Dessa forma, a mediação do tutor continua sendo fundamental, mesmo que o aluno esteja no centro do processo. Nesse cenário, o virtual não se torna um obstáculo para quem inicia um curso a distância totalmente *online* pela primeira vez.

Considerações Finais

A EaD ainda tem como principal característica a distância geográfica entre as pessoas. Porém, com os diversos recursos próprios para a interação, o grande desafio é “aproximar” essas pessoas para trocar experiências e se apropriar dos conteúdos escolares dentro do espaço virtual.

Os AVAs proporcionam e viabilizam interações inovadoras e, acima de tudo, síncronas, ou seja, simultâneas entre os sujeitos participantes. Toda essa acessibilidade e inovação proporcionam um ambiente mais interativo no processo de ensino e de aprendizagem em comparação ao ensino por correspondência oferecia, por exemplo.

O grande desafio é adaptar os alunos que vem de experiências presenciais a uma modalidade a distância de educação, já que esses tendem a comparar os dois processos. Nessa comparação, especialmente quando se trata da educação brasileira, a dificuldade é trabalhar de maneira autônoma.

A metodologia utilizada no curso também é um fator determinante para o processo de interação no AVA. Com base nas respostas dos sujeitos participantes dessa investigação, notamos que uma metodologia fundamentada em perguntas e respostas nos fóruns e leituras e discussões de textos, não viabilizam uma interação efetiva e significativa para os alunos.

Quando o tutor se volta para o aluno, em momentos específicos, em grupo ou individuais, os mesmos são motivados a interagirem entre si, o que os conduz a melhorar a participação na resolução das diferentes atividades dispostas no ambiente.

Nos AVAs, o tutor representa o eixo motor de toda e qualquer atividade realizada. Sem a sua intervenção, motivação ou interação, a realização de qualquer tarefa se torna mais difícil. A mediação do tutor é uma ação que engloba desde a realização de comentários sobre as tarefas individuais, até o convite para o aluno participar da discussão, além de identificar

casos de alunos propensos à evasão. Essas ações são essenciais para desenvolver o bom trabalho docente no processo de ensino e de aprendizagem no AVA.

A mediação no AVA está alicerçada especialmente na ação do tutor, mas também nas ferramentas e recursos tecnológicos. Entretanto, é o tutor que deve apresentar uma postura de orientador, motivador, demonstrando empatia e conhecimento com os conteúdos estudados.

A mediação pedagógica no AVA será distinta da mediação desenvolvida em experiências educacionais na modalidade presencial, e sua função nos cursos desenvolvidos a distância ainda é primordial. A relação com o meio, com os outros, com os signos, com a palavra e com a fala norteiam todo o processo de mediação pedagógica, sendo, acima de tudo, um modo de relação e não uma ação imediata.

Fatores como motivação e permanência dos alunos em cursos desenvolvidos a distância no AVA dependem muito mais da relação de mediação e interação entre aluno-tutor e aluno-aluno, do que da ação individualizada dos sujeitos do espaço virtual. Por isso mesmo, as atividades e demais trabalhos realizados no AVA baseiam-se em discussões e diálogos estabelecidos com o grupo, seja na linguagem oral ou escrita.

A aprendizagem no AVA pressupõe um elo intermediário entre os conteúdos, as ferramentas tecnológicas de interação e os sujeitos. Mesmo levando em consideração a autonomia do aluno, não podemos esquecer que ele não escolherá os conteúdos a serem trabalhados no curso, muito menos as estratégias de estudo. Educação a distância não é autodidatismo.

Nesse sentido, a mediação pedagógica não demanda apenas encaminhar ou orientar os alunos dentro do espaço virtual. Nem significa um trabalho de “pergunta e resposta”, que comumente ocorrem nesses cursos. Mediar não é apenas dizer ao aluno que ele concluiu ou não uma determinada atividade. Mediar é instigar o aluno, acompanhá-lo em suas dúvidas e, sobretudo, identificar a sua ausência no decorrer do processo.

A mediação pedagógica no AVA é extremamente relevante e significativa para o aluno. Ela não se desenvolve em uma ação individualista e isolada e, por isso, não pode ser construída apenas no uso de recursos tecnológicos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

COSTA, J. W. da; OLIVEIRA, M. A. M. (Orgs). **Novas linguagens e novas tecnologias: educação e sociabilidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

KENSKI, V. **Tecnologias e Ensino Presencial e a Distância**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

MOLON, S. I. (2000). **Cultura – A dimensão psicológica e a mudança histórica e cultural**. Trabalho apresentado na III Conferência de Pesquisa Sócio-cultural, Campinas, SP. Disponível em: www.fae.unicamp.br/br2000/trabs/2330.doc. Acesso em: 20 de abril de 2008.

MORAES, R. A. **Educação a Distância: aspectos histórico-filosóficos**. In: Linguagens e interatividade em Educação a Distância ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PALLOFF, R. M.; PRATT, K. **O aluno virtual: um guia para trabalhar com estudantes on-line**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PEREIRA, A. T. C.; SCHMITT, V.; DIAS, M. R. A C. **Ambientes Virtuais de Aprendizagem**. In: PEREIRA, Alice T. Cybis. (orgs). **AVA - Ambientes Virtuais de Aprendizagem em Diferentes Contextos**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda., 2007.

SOUZA, R. A M. **A mediação pedagógica da professora: o erro na sala de aula**. Campinas, SP: 2006. Tese de doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

TORI, R. **Avaliando Distâncias na Educação**. Disponível em: www.abed.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=183&sid=102&UserActiveTemplate=4abed. Acesso em: 10 de setembro de 2008.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BELLONI, M. L. **Educação a Distância**. Campinas, SP: Associados, 2003.